

II BOLETIM

RACISMO E VIOLÊNCIA NA BAIXADA FLUMINENSE

EDIÇÃO Nº 2 | NOV – 2021*



BAIXADA FLUMINENSE: “ONDE NÃO SE PODE ERRAR”



São múltiplas as sensações capazes de serem despertadas pela Baixada. Em um “viajante”, por exemplo, que desce a Serra dos Órgãos ou a Serra das Araras em direção ao Rio de Janeiro: à primeira vista é aquela que opõe as Serras às planícies que vão se estendendo de maneira suave, à segunda, é a sensação que confronta a bela paisagem avistada entre as encostas das montanhas e a cinzenta caótica malha periférica entre aglomerados de casas precárias, lixo e ruas sem pavimentação que se prolongam à rodovia (ALVES, 1994). No entanto, entre os quase 4 milhões de moradores, as sensações cotidianamente experienciadas estão também ligadas ao medo, à violência e à infraestrutura precária corroborada pela negligência do poder público, mas também a rica cultura de um povo, sua identidade e suas raízes.

**“Você precisa conhecer minha jurisdição
Vá prestando a atenção
Lugar que ocupa um pedaço
Do meu coração, do meu coração
Mas infelizmente tem fama de barra pesada
Isso tudo é intriga da oposição
É muita mentira e conversa fiada
Eu explico por quê
O melhor lugar pra morar é na minha Baixada. Podes crer**

**A Baixada começa em Olinda
Onde tem o Cabral e o Portugal pequeno
Nilópolis da Beija-Flor
Onde o samba é agasalho
Pra qualquer sereno
Passando por Edson Passos
Se avista Chatuba o xodó de Mesquita
Juscelino, K. Onze, Coreia e Nova Iguaçu
Que é uma flor tão bonita
É por isso que eu digo...”
(BAIXADA - BEZERRA DA SILVA)**

Compreender o contraste que representa a Baixada Fluminense, engloba uma análise complexa em relação a violência, crime, pobreza subalternidade, desenvolvimento, entre outras questões. É fundamental observar de forma holística, em toda a sua densidade de interpretações advindas de narrativas e dados

oficiais, conjuntamente aos vários relatos de moradores, das vítimas de violência, dos movimentos sociais e das mídias locais que, muitas vezes, produzem contranarrativas capazes de ressignificar este território tão estigmatizado, tal como cantou em “Baixada” Bezerra da Silva.

SÉRIE

O Boletim Racismo e Violência na Baixada Fluminense é o segundo de uma série apresentada pelo FGB entre narrativas e informações a respeito dos impactos da violência de estado nessa região.

RACISMO

Um Estado que mata jovens e crianças e não se responsabiliza: entre 2019 e 2021 ao menos 14 jovens e crianças foram mortos no estado do Rio de Janeiro, em decorrência de ações policiais, mas suas mortes foram registradas como homicídio.

VIOLÊNCIA DE ESTADO

“Não é a gente que tem que mudar, são eles que tem que mudar”.

Juliana 10 anos, jovem moradora de Jardim Gramacho – sobre a violência de Estado na Baixada Fluminense.

*Autoria: Lorene Maia, Fábio Leon e Adriano de Araújo.

Edição: Lorene Maia.

RACISMO

UM ESTADO QUE MATA JOVENS E CRIANÇAS E NÃO SE RESPONSABILIZA

De acordo com levantamento do UOL (2021) são ao menos 14 casos de pessoas mortas em ações policiais no estado do Rio de Janeiro. As informações são relativas ao período de 2019 a abril de 2021 e foram obtidas via Lei de Acesso à Informação, junto à Polícia Civil. As vítimas possuem perfil parecido: jovens, negros e moradores de favelas e/ou periferias. Essas mortes, no entanto, não constam nas estatísticas de mortes causadas pela polícia.

De acordo com o ISP (Instituto de Segurança Pública), se a investigação entender que o policial matou "sem justificativa" em uma ação policial, o registro será realizado como homicídio doloso, mas se for entendido como excludente de ilicitude, ou seja, quando o policial mata para se defender ou no cumprimento do dever, a morte é registrada como morte por intervenção de agente do estado.

Casos como o de Emily e Rebecca, 4 e 7 anos, se multiplicam todos os dias e

materializam as inúmeras subnotificações. Mortas em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, por um tiro de fuzil no portão de casa enquanto brincavam, as meninas negras tiveram suas mortes registradas como homicídio e não como decorrentes de ação policial. Mais uma prova do racismo estrutural de um estado que nem ao menos se responsabiliza pela violência letal e racista.

VIOLÊNCIA DE ESTADO COM A PALAVRA OS JOVENS DA BAIXADA FLUMINENSE

“Quando eu fico sabendo de violência eu começo a ficar triste. Saber que tem criança sofrendo violência, racismo. Ser negro na Baixada Fluminense é muito doloroso porque muitas pessoas acham que porque somos dessa cor, somos bandidos e vamos fazer coisas ruins, mas a gente não é ruim”.

Samuel, 15 anos.

“Sinto tristeza quando vejo violência na televisão e reportagem. Não é a gente que tem que mudar, são eles que tem que mudar”.

Juliana, 10 anos.

“...nós aqui vamos perdendo as forças para continuar lutando. Mas temos família, marido, trabalho, e não podemos parar. Eles querem nos vencer pelo cansaço. Fica o dito pelo não dito. É a nossa palavra contra a deles. Fica feio pra eles, admitir que foi um policial que cometeu esse crime”.

Lídia Santos, tia de Emily e avó de Rebecca.

“... a gente não tem que ficar calado, a gente tem que lutar pelo que a gente quer. Eu acho que a gente tem que ter uma postura para perceber que o problema não é só em filme, é na realidade. Eu me sinto triste com a violência. Fico triste quando vejo noticiários, crianças e adolescentes mortos por causa da violência, eu fico indignada”.

Beatriz, 12 anos.



“Eu sinto medo de sair pra rua e acontecer alguma coisa. De acontecer a mesma coisa que passa na televisão”.

Jonathan, 12 anos.

Tel: 2767 - 0472 (Ramal 207)

fgbaixada@gmail.com

www.forumgritabaixada.org.br

@forumgritabaixada

COM A PALAVRA
A REDE DE MÃES DA BAIXADA

“A violência de estado na Baixada Fluminense começa com as violações dos direitos essenciais da população desse território, e um desses direitos é a segurança. Sua deficiência é um incentivo para a prática cruel do genocídio de jovens negros e pobres, bem como para o aumento de vários outros tipos de violências cometidas contra crianças e adolescentes. Toda essa violência e violações impactam na vida também das famílias, provocando várias sequelas no dia a dia.

No acolhimento feito pelo coletivo, recebemos uma variedade de demandas que se manifestam pela falta de políticas públicas, pela omissão desse estado e pela conivência dele seja nas práticas criminosas, seja pela impunidade dos casos. O racismo em todas as suas formas, principalmente o estrutural é sem dúvida o responsável por todo esse contexto de execuções, exclusões, seletividades, preconceitos e criminalizações do povo negro e pobre.”

Luciene Silva, Rede de Mães e Familiares de Vítimas de Violência na Baixada Fluminense.



De acordo com dados do Fogo Cruzado (2021), coletados entre 2017 e 12 de outubro desse ano, a Baixada Fluminense concentrou 25% do total de crianças baleadas na Região Metropolitana do Rio, sendo a segunda região do Grande Rio com mais vítimas menores de 12 anos.

Duque de Caxias, onde as primas Emily e Rebecca foram mortas, é o município que, em 5 anos, teve o maior número de crianças vítimas da violência armada: foram 11 vítimas.

“Analisar um estado com tantas falhas é uma tarefa que nem é difícil para a gente fazer porque se juntar a indignação de tantas famílias que sofrem dentro dessa violência, um boletim seria pouco para escrever tudo.

Como mãe de vítima o que vejo é que para o poder público a violência é uma opção, não um problema. Porque se a violência de estado fosse um problema na Baixada Fluminense, o estado já teria resolvido.

O racismo estrutural nos fere e nos mata todos os dias. Deixando para trás famílias destroçadas, órfãos de filhos, de pais, de irmãos, de avós, órfãos de direitos, em especial do direito a vida. Esse estado racista, incompetente, genocida que é indigno de confiança faz com que a gente viva para sobreviver, como reféns desse abandono e da maldade de um estado que diz que nos protege, mas nos mata e promove dor.

Como moradora da Baixada, mulher e mãe de jovens (e de um jovem que se foi), eu fico me perguntando o que legitima esse estado a matar nossas famílias em nossos territórios? Quem disse que eles podem matar e ficar impunes? Infelizmente o sentimento que a gente tem é o de apagamento. Nós somos vidas que não importam para o poder público, então não é um problema de gestão pública, porque os alvos são certos.

Nós que pegamos nossos filhos tombados nas ruas da Baixada Fluminense e depois temos que enterrar e tentar sobreviver com essa dor e com um sentimento de impotência. A gente vê todos os dias jovens serem mortos e julgados pela cor da pele, pela roupa, pelo cabelo e isso vai gerando dor, silenciamento. Você perde os seus e sofre na pele todo o tipo de violência e eles ainda querem nos silenciar”.

Ilisimar de Jesus, Rede de Mães e Familiares de Vítimas de Violência na Baixada Fluminense.

NOSSAS CONSIDERAÇÕES...

Todos os dias, ao menos duas crianças ou adolescentes são mortos pelas polícias no Brasil. Em 2018, 2019 e 2020 foram 2.215 crianças que perderam a vida pela ação de agentes públicos de segurança, sejam civis ou militares, de acordo com levantamento feito pelo Jornal Folha de São Paulo¹. Em comum, quase como constatação onipresente nas estatísticas de vulnerabilidade social, encontra-se a cor (quase 70% das crianças e adolescente mortos pela polícia nesse período são negros ou pardos).

Na Baixada Fluminense não é diferente. Dados do laboratório sobre violência armada *Fogo Cruzado*, apontam que somente entre janeiro e outubro de 2021 a Baixada Fluminense registrou 972 tiroteios, com 284 mortos e 180 feridos. Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Mesquita concentram 87,2% de todos os tiroteios da Baixada; 83,4% dos mortos e 76,6% dos feridos². Estima-se que parte significativa desses mortos seja de pessoas negras e, entre eles, estão crianças e adolescentes.

De acordo com os dados do ISP, em 2020, a polícia fluminense matou 56 pessoas entre 0 e 17 anos em confrontos diretos em todo o Estado (87,5% das crianças ou adolescentes mortos nessas operações eram negros ou pardos³). Somente na Baixada Fluminense, no mesmo período, a polícia matou 17 crianças ou adolescentes, entre 12 e 17 anos. Em 2019 foram 33 crianças ou adolescentes e em 2018, foram 27⁴. No cômputo nacional, o Estado do Rio responde por 13,1% de todas as mortes de crianças e adolescentes pelas mãos de agentes públicos de segurança.

No entanto, a titulação “mortes por intervenção de agente do Estado”, adotada pelo ISP e em conformidade com a Portaria 229 de 10 de dezembro de 2018, do Ministério da Segurança Pública, não considera as mortes indiretas, ou seja, aquelas não envolvidas inteiramente nos confrontos com a polícia. Assim, as vítimas indiretas dos confrontos que envolvem a polícia ou as vítimas “eventuais” decorrentes de operações policiais, não são registrados sob o título de mortes por intervenção de agente do Estado. É de se esperar, portanto, que o número efetivo de vítimas letais decorrentes indiretamente da ação policial seja bem maior.

Tanto o racismo institucional, quanto o racismo que estrutura a sociedade brasileira, tão desigual e violenta, contribuem para que essas mortes nas periferias não venham a trazer maiores consequências para os autores: quando são mortes de adultos, são tratadas como morte de suspeitos, negando a identidade da vítima e promovendo o apagamento de seus direitos; quando são mortes de crianças o discurso acaba centrado na accidentalidade das “balas perdidas” ou ainda no vocabulário militarizado das “vítimas colaterais”, argumentos que nada explicam e que servem apenas ao propósito de ocultar quem são sempre as mesmas vítimas... mesma classe social, mesma cor e mesmos territórios.

Os casos das primas Emilly Victoria e Rebecca Beatriz (4 e 7 anos, respectivamente) há um ano atrás, ou da jovem Kathlen de Oliveira Romeu, de 24 anos, grávida de 14 semanas, morta por tiro de fuzil no Complexo de Favelas Lins de Vasconcelos (Zona Norte do RJ) são, entre tantos outros, expressões desse retrato e, sobretudo, do racismo que todos nós precisamos enfrentar.

FÓRUM GRITA BAIXADA

“Gritando pelo direito de gritar pelos nossos direitos”

¹ Consulte <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/em-tres-anos-policiais-mataram-ao-menos-2215-criancas-e-adolescentes-no-pais.shtml>

² Consulte <https://fogocruzado.org.br/estatisticas/>

³ Consulte <http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/grupos.html>

⁴ É preciso considerar que 66,8% do total de 404 casos de pessoas mortas na região não tinha informação relativa a faixa etária. Consulte <http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/Letalidade.html>

Tel: 2767 - 0472 (Ramal 207)

fgbaixada@gmail.com

www.forumgritabaixada.org.br

@forumgritabaixada